

O País se isolou, diz Bornhausen

"Creio que o presidente Sarney está mal informado a este respeito. Não são os bancos que estão tentando isolar o Brasil. E o Brasil que se está isolando dos bancos". A afirmação foi feita ontem pelo presidente da Confederação Nacional das Empresas Financeiras e presidente do Unibanco, Roberto Konder Bornhausen, ao comentar a advertência feita anteontem por Sarney ao presidente da Alemanha Ocidental de que a tentativa dos bancos credores de isolar o Brasil na renegociação de sua dívida é uma atitude imprudente, que poderá levar a uma situação de confronto.

Bornhausen criticou o tratamento que o Brasil vem dando aos credores, afirmando não ser adequado para quem deseja uma negociação de seus débitos. Para ele, seria útil ao País o governo apresentar um plano de ajuste interno para atender os credores e melhorar as condições de negociação. Disse também não acreditar que o governo esteja desgastado a ponto de não poder adotar um programa de ajustes para a economia. Afirmando não ser tão otimista quanto o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, em relação aos rumos da economia brasileira, Roberto Konder Bornhausen acrescentou que ninguém quer a volta à recessão, mas isso poderá acontecer independentemente das pressões sociais.

Comentando a decisão da General Motors, de congelar seus investimentos no Brasil, o presidente da CNF foi taxativo: "Acredito que seja um caso individual, mas não se pode esquecer que qualquer decisão de investimentos está amarrada a um panorama de estabilidade econômica e política".

As autoridades brasileiras voltaram a sofrer de "complexo de conspiração" ou "ilusão da vitimização", síndrome que atinge ciclicamente o País quando se tenta "camuflar o próprio desgoverno, procurando demônios externos". A constatação é de empresários e economistas diante da denúncia do presidente Sarney, de que os bancos estrangeiros querem isolar o Brasil. Todos apontaram a urgência de se apresentar um plano que convença os credores da viabilidade econômica do País.

"O governo até agora só blefou, mas não apresentou nenhuma proposta de ação concreta frente à dívida externa", disse o diretor da Sharp e economista da FGV/SP e

FEA/USP, Yuichi Tsukamoto. Para ele, o País "de vez em quando vive a ilusão da 'vitimização', que obscurece uma visão mais realista da situação atual". O clima na economia internacional segundo Tsukamoto, é mais de cooperação e convivência do que de confrontação. A reação dos bancos seria uma "maneira de os credores pressionarem o governo brasileiro a apresentar um plano." "Pode-se admitir que alguns bancos estejam endurecendo suas posições em relação ao Brasil, mas essas manifestações isoladas não devem ser exageradas", alertou Tsukamoto.

O Brasil tentou isolar os bancos e agora eles tentam isolar o Brasil. É a explicação que Roberto Macedo, presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, dá às apreensões de Sarney: "É até possível que os bancos tentem isolar o País, mas isto já deveria estar sendo esperado. É apenas mais uma fase do processo de negociação da dívida. Conspiração tem um sentido muito emocional para caber no vocabulário financeiro". Macedo também insistiu na apresentação de um plano de governo "que dê garantias aos credores".

"É a terceira conspiração denunciada pelo presidente Sarney em um mês - antes foi a dos grandes jornais e a da burguesia paulista para desestabilizar seu governo. É a retórica do Maranhão", lembrou o empresário Geraldo Forbes, diretor da Finacorp. O Brasil está tentando isolar os bancos europeus dos norte-americanos, disse Forbes, enquanto os bancos tentam isolar o Brasil. "São táticas de negociação, apenas, e em negociação vale tudo." De acordo com Forbes, "os bancos e o povo estão esperando um acerto urgente da dívida e um plano econômico. Começar a ver conspiração em todos os cantos chama-se, em medicina, de paranoíá e em política é a procura de um bode expiatório para encobrir as próprias falhas".

O economista da FEA/USP Joaquim Eldí Cirne de Toledo não vê como surpreendente a tática dos bancos: "Surpresa seria se eles não tentassem isolar o Brasil dos outros países devedores". Ele reconheceu o papel de "boi de piranha" desempenhado no caso pelo País, beneficiando o México, Filipinas e Argentina, "que concluíram rapidamente acordos que se arrastavam, e conquistaram taxas de spread mais baixas".



L. Gevaerd - 20/05/86
Bornhausen: falta um plano



João Pires
Macedo: faltam garantias.